

Lemony Snicket



Raiz-forte

Verdades amargas
que você não
pode evitar

Tradução

Ricardo Gouveia



Copyright do texto © 2007 by Lemony Snicket
Copyright das fotos © 2007 by Mark Tucker/Merge Left Reps., Inc.

*Publicado mediante acordo com HarperCollins Children's Books,
divisão da HarperCollins Publishers, Inc.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Horseradish: Bitter truths you can't avoid

Capa
Elisa v. Randow

Preparação
Ana Maria Alvares

Revisão
Angela das Neves
Andressa Bezerra da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Snicket, Lemony
Raiz-forte : verdades amargas que você não pode evitar /
Lemony Snicket ; tradução de Ricardo Gouveia. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2009.

Título original : Horseradish : bitter truths you can't avoid.
ISBN 978-85-359-1498-6

1. Ficção — Literatura infanto-juvenil . 1. Título.

09-06373

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infanto-juvenil 028.5

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução	7
1. Lar	17
2. Família	27
3. Escola	39
4. Trabalho	49
5. Entretenimento	61
6. Literatura	75
7. Viagens	85
8. Saúde emocional	95
9. Assuntos do coração	109

10.	Uma vida de mistério	121
11.	O mistério da vida	135
12.	Uma sensação generalizada de desgraça iminente da qual não se pode escapar não importa o que se faça	149
13.	Miscelânea	161

Introdução

Existe uma velha história que pode ou não lhe interessar, mas que não obstante constituirá a maior parte desta introdução, do mesmo modo que um desjejum horroroso pode constituir a maior parte da sua manhã ou uma longa perseguição de carro, a maior parte da sua semana. A história diz respeito a uma mulher que vivia com o marido numa pequena choupana, em uma distante aldeia, cercada por um enorme campo de raiz-forte, uma raiz muito amarga. Como muitas pessoas, a mulher e seu marido não se importavam com raiz-forte; assim, todas as manhãs ela ia pescar caramujos

no lago, enquanto o marido colhia passas nos campos, e todas as noites eles comiam uma refeição horrorosa de caramujos recheados com passas. Depois de muitos anos fazendo isso, a mulher começou a matutar sobre uma coisa.

“Marido”, ela pensou em voz alta, uma noite, “a vida deve ser mais do que ficar sentada em casa fazendo sempre a mesma coisa de novo e de novo, você não acha?”

“Não faço a menor ideia”, disse o marido, com a boca cheia de caramujos. “Mas outro dia a sua mãe estava me contando sobre um homem de vasta cultura que vive em algum lugar no topo de uma montanha. Ele deve saber.”

“Interessante”, disse a mulher, e pediu licença para se levantar da mesa e ir até a choupana vizinha, onde sua mãe estava sentada num sofá de palha, olhando fixamente para o campo de raiz-forte através de uma janela de palha, enquanto aparava as unhas dos pés. “Que história é essa que ouvi sobre um homem de vasta cultura?”, perguntou a mulher

à mãe, matutando se a vida não seria mais do que ficar assistindo aos pais fazendo coisas de-sagrada-veis.

“A senhorita Matmos me contou sobre ele”, disse a mãe da mulher, labutando numa unha do dedão especialmente difícil.

“A senhorita Matmos?”, repetiu a mulher.
“Você quer dizer a minha velha professora do terceiro ano?”

“Ela mora do outro lado do campo de raiz-forte, perto do depósito de varas de pescar”, disse a mãe da mulher, “e estava dizendo alguma coisa sobre um velho sábio de vasta cultura que vive no topo de uma montanha.”

A mulher saiu correndo pelo campo de raiz-forte até o depósito de varas de pescar, onde ela diariamente guardava a sua junto de todas as outras varas de pescar. Como esperado, a srta. Matmos estava sentada ali perto, escrevendo insultos nas margens das provas dos seus alunos. A mulher ficou olhando enquanto a sua professora do terceiro ano rabis-cava “Você é um idiota!”, em tinta vermelha

viva, e matutando se a vida não seria mais do que as tarefas crueis que somos obrigados a realizar na escola e no trabalho. “Senhorita Matmos”, perguntou ela, “eu estava me perguntando se você saberia alguma coisa sobre um homem de vasta cultura que vive no topo de uma montanha.”

“Bem”, disse a srta. Matmos, “a montanha fica muito longe, e a escalada é muito difícil e um tanto maçante. Se você pretende ir, sugiro que leve um livro.”

A srta. Matmos entregou um livro à mulher e a mandou seguir seu caminho, que foi longo, difícil e maçante, como descrevera a professora do terceiro ano. Enquanto caminhava as centenas de quilômetros até a montanha, a mulher leu o livro até deixá-lo em frangalhos, e embora fosse uma história maravilhosa, chamada *Vendaval na Jamaica*, ela não pôde deixar de matutar se a vida não seria mais do que ser entretida por literatura. Enquanto seguia através dos arbustos espinhosos que cresciam na base da montanha, ficou exausta

e pensou tristemente no marido, e matutou se a vida não seria mais do que viajar de um lugar para outro, sofrendo de uma saúde emocional precária e pensando nas pessoas que a gente ama. Enquanto escalava os monótonos picos da montanha, ela olhou para baixo e viu algumas pessoas ao pé da montanha que pareciam fazer algo suspeito, e ergueu os olhos para as monótonas flores cinzentas que cresciam nas fendas da montanha, e matutou sobre pessoas que levam uma vida de mistério, e sobre o mistério da vida. Ao se aproximar do topo, onde pôde ver o condomínio que pertencia ao sábio, foi ficando muito escuro, e a mulher matutou sobre a sensação generalizada de desgraça iminente da qual não se pode escapar não importa o que se faça. Ela foi chegando cada vez mais perto e continuou matutando sobre todos aqueles muitos meses, bem como sobre a miscelânea de coisas que deixei de mencionar especificamente. Por fim, a mulher chegou tão alto que a sua choupana era apenas um distante pontinho verde, e o campo de raiz-forte, um

pequeno quadrado amargo; mas, sem dar nem uma única olhada para o lugar de onde viera, ela bateu à porta do condomínio, e em alguns instantes estava diante do homem a quem viria de tão longe ver.

“Ó grande homem de vasta cultura”, disse ela, “tenho matutado sobre tantas coisas. Seria a vida mais do que ficar sentada em casa fazendo sempre a mesma coisa de novo e de novo? Sábio homem de vasta cultura, seria a vida mais do que ficar assistindo aos pais fazendo coisas desagradáveis, ou mais do que as tarefas crueis que somos obrigados a realizar na escola e no trabalho? Seria a vida mais do que ser entretida por literatura, ó homem de vasta cultura, ou mais do que viajar de um lugar para outro sofrendo de uma saúde emocional precária e pensando nas pessoas que a gente ama? E quanto àquelas pessoas que levam uma vida de mistério? E sobre o mistério da vida? E, ó homem de vasta cultura, quanto à sensação generalizada de desgraça iminente da qual não se pode escapar não importa o que

se faça, e à miscelânea de coisas que deixei de mencionar especificamente?”

Mas o homem já estava sacudindo a cabeça. “Você entendeu tudo errado”, disse ele. “Eu não sou um homem de vasta cultura — sou um homem de vasta *cintura*.”

Ele deu um passo mais para perto dela, e de fato a mulher pôde ver que ele tinha um substancial excesso de peso, especialmente em volta dos quadris. “Então você não sabe a resposta para as minhas dúvidas?”, perguntou ela.

“Não”, disse o homem. “E além do mais, isto aqui é propriedade privada.”

Batendo a porta com um rude “PAM!” o homem se foi, e a mulher começou a sua longa, difícil e maçante jornada de volta para casa. Quando finalmente se aproximou das choupanas, extremamente cansada e faminta, viu a mãe sentada na varanda de palha, limpando os ouvidos com uma vara fina e comprida que a mulher reconheceu imediatamente.

“Isso é a minha vara de pescar!”, disse a mulher. “Preciso dela para trabalhar!”

“Onde diabo você esteve?”, perguntou a mãe. “Você foi embora no meio da nossa conversa! Não tive notícias suas por meses, portanto presumi que você não queria mais a sua vara.”

“Estive numa longa e decepcionante jornada”, respondeu a mulher. “E você nem vai dar boas-vindas à sua filha que retorna ao lar?”

“Eu tenho uma nova filha”, gabou-se a mãe, e então gritou para dentro da choupana: “Venha aqui fora, docinho!”

Para surpresa da mulher, a srta. Matmos saiu da choupana, usando um longo vestido branco de noiva. Ao seu lado estava o marido da mulher, de smoking.

“Você simplesmente se levantou no meio do jantar e desapareceu por muitos meses”, explicou o marido, “portanto, eu agora estou arranjando uma nova esposa que faz menos perguntas do que você.”

“Eu poderia convidá-la para o banquete

do casamento”, disse a mãe da mulher, “mas não quero. Agora, por favor, nos dê licença — o cortejo do casório já vai começar.”

A mulher ouviu uma fanfarra de *kazoos* e viu que muitos dos seus vizinhos tinham se reunido para acompanhar os noivos até o outro lado do campo de raiz-forte, onde um rabinho aguardava para casá-los. A mãe da mulher foi na frente, seguida pelo marido e pela srt. Matmos, e em pouco tempo a mulher ficou sozinha, ainda extremamente cansada e faminta. Sabendo que não ia ganhar nem um pedacinho de comida do banquete de casamento, ela arrancou uma raiz-forte da terra e a roeu melancolicamente. Quando o gosto amargo invadiu a boca da mulher — a mesma boca que fizera todas aquelas perguntas para as quais ela ainda não obtivera respostas —, a nova noiva se virou e gritou uma última coisinha para ela.

“A propósito”, disse a srt. Matmos, “eu estive dando uma olhada nos meus velhos li-

vros de notas, e descobri que você foi reprovada no terceiro ano.”

A moral dessa história, se você está interessado, é que neste mundo existem verdades amargas que você não pode evitar, esteja você matutando sobre lar, família, escola, trabalho, entretenimento, literatura, viagens, saúde emocional, assuntos do coração, uma vida de mistério, o mistério da vida, uma sensação generalizada de desgraça iminente da qual não se pode escapar não importa o que se faça e uma miscelânea de coisas que deixei de mencionar especificamente. Para sua conveniência, algumas dessas verdades amargas foram colocadas neste livro mais ou menos prático e organizadas em treze capítulos para que, todas as vezes em que você estiver matutando sobre alguma coisa, possa abrir o livro e ler uma ou duas verdades amargas em vez de se dar ao trabalho de tentar encontrar um homem sábio de vasta cultura, especialmente na sua vizinhança, onde moram tão poucos deles.

1
LAR



A diferença entre
uma casa e um lar
é como a diferença entre
um homem e uma mulher —
pode ser embarçosa
de explicar,
mas seria muito
inusitado confundi-los.

Existe algo
de maravilhoso
em voltar ao lar no fim
de um longo dia, mesmo se
houver atum para o jantar.

Há algumas pessoas que
acreditam que o lar é o lugar
onde se pendura o chapéu,
mas essas pessoas tendem a
viver em armários e em
pequenos cabideiros.

Uma velha canção de caubóis
celebra a vida nas pradarias,
onde brincam os veados e os
antílopes; mas qualquer um
que já tenha visto veados
e antílopes sabe que, quando
eles estão se divertindo,
dificilmente olham para onde
estão impelindo seus cascos,
e é por isso que os caubóis
foram escoiceados até quase
a extinção.

É sempre triste quando
alguém deixa o lar,
a menos que eles estejam
simplesmente indo até a
esquina e retornem em poucos
minutos com sanduíches
de sorvete.

O lar de uma pessoa é como um delicioso pedaço de torta que você pede no restaurante de uma estradinha campestre em uma noite agradável — o melhor pedaço de torta que você já comeu na sua vida — e que nunca mais encontra de novo. Depois que você sai de casa, pode sentir saudades do lar, mesmo se estiver numa casa nova que tem um belo papel de parede e uma lava-louças mais eficiente que a da casa em que você cresceu, e não importa quantas vezes a visite poderá nunca realmente se curar da sensação palpitante de saudades no seu peito. A saudade do lar pode atacar até quando você ainda está vivendo no seu lar, porém é um lar que mudou com o passar dos anos, e você sente falta do tempo — mesmo se esse tempo só existiu na sua imaginação — em que o seu lar era tão delicioso quanto na sua lembrança. Você pode procurar na sua família e na sua mente — assim como pode procurar em estradinhas campestres escuras e sinuosas — tentando recapturar a melhor

época da sua vida, para poder curar a sua saudade do lar com um segundo pedaço daquela torta de um sonho distante, mas a sua busca terminará em vão, pois você perdeu o mapa que lhe dizia onde virar, e o restaurante pegou fogo há muito tempo, e a cozinheira que fez a torta se cansou de esperar por você e em vez disso dedicou a vida a fazer massa de tomate, mas ela não é muito boa nisso, e agora você está perdido na vida, as trevas se fecham sobre você, sem nada a não ser uma palpitação triste no peito e um gosto amargo na boca.

Um escritor americano
que conheço chamou
um dos seus livros de
Você não pode voltar para casa,
mas ele não estava
necessariamente
falando com você.